

# Paraísos Perdidos

A saga dos exilados

© 2019 – Conhecimento Editorial Ltda

## **Paraísos Perdidos**

**A saga dos exilados**

José Andrade Filho

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 — Limeira — SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
*www.edconhecimento.com.br*  
*vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-470-6  
1ª Edição – 2019

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

**Conhecimento Editorial Ltda**  
*grafica@edconhecimento.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Andrade Filho, José

Paraísos perdidos : a saga dos exilados / José Andrade Filho : romance transcendental pelo espírito Luiz — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.

216 p.  
ISBN 978-85-7618-470-6

1. Continentes desaparecidos 2. Lemúria 3. Atlântida (Lugar lendário) 4. Viagens interplanetárias 5. Civilização – História I. Título II Luiz (Espírito)

19-0284

CDD – 133.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Obras psicografadas

José Andrade Filho

# Paraísos Perdidos

A saga dos exilados

Romance transcendental  
Sob inspiração do espírito Luiz

1ª edição  
2019





# Sumário

|                  |   |
|------------------|---|
| Introdução ..... | 7 |
|------------------|---|

## Parte 1 – A humanidade de MU

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Capítulo 1: Antecedentes .....               | 15 |
| Capítulo 2: Primeiros passos .....           | 22 |
| Capítulo 3: Suor e lágrimas.....             | 27 |
| Capítulo 4: Novas diretrizes .....           | 36 |
| Capítulo 5: Os réprobos de Saiph.....        | 41 |
| Capítulo 6: Ankar, Lemúria — 90.000 a.C..... | 44 |
| Capítulo 7: O grande templo .....            | 51 |
| Capítulo 8: Telos .....                      | 55 |
| Capítulo 9: Profecias e migrações .....      | 64 |
| Capítulo 10: Consequências inadiáveis .....  | 72 |

## Parte 2 – Poseidônis

|                                                    |     |
|----------------------------------------------------|-----|
| Capítulo 11: Poseidônis, a Grande Atlântida .....  | 81  |
| Capítulo 12: Os exilados em Poseidônis.....        | 86  |
| Capítulo 13: Profecias .....                       | 89  |
| Capítulo 14: No astral superior.....               | 94  |
| Capítulo 15: Consequências inadiáveis.....         | 96  |
| Capítulo 16: Considerações do Astral superior..... | 101 |
| Capítulo 17: Atlântida.....                        | 105 |
| Capítulo 18: Erros pertinazes .....                | 113 |
| Capítulo 19: Esclarecimentos .....                 | 118 |

### Parte 3 – Surgem as lendas

|                                                    |     |
|----------------------------------------------------|-----|
| Capítulo 20: O Exílio.....                         | 123 |
| Capítulo 21: Exilados Adâmicos e o novo mundo..... | 127 |
| Capítulo 22: Rebeldia e ignorância .....           | 134 |
| Capítulo 23: No Astral superior.....               | 139 |
| Capítulo 24: Exilados Evânicos .....               | 145 |
| Capítulo 25: Tendências atávicas .....             | 148 |
| Capítulo 26: Orientações do Alto .....             | 153 |
| Capítulo 27: Mazelas expostas.....                 | 156 |
| Capítulo 28: Preocupações no Astral Superior.....  | 166 |
| Capítulo 29: Influências negativas.....            | 170 |
| Capítulo 30: O pacto.....                          | 173 |
| Capítulo 31: Reflexões no Astral .....             | 184 |
| Capítulo 32: Exilados serpentinos.....             | 190 |
| Capítulo 33: A Pequena Atlântida .....             | 194 |
| Capítulo 34: A divisão atlante .....               | 197 |
| Capítulo 35: As transmigrações continuam .....     | 203 |
| Capítulo 36: O recomeço.....                       | 207 |
| Epílogo: A evolução sem fim .....                  | 212 |

## Introdução

A humanidade terrestre desde tempos imemoriais conta histórias sobre a sua origem, sua formação e os eventos marcantes de seu passado. Essa transmissão oral perpassou sucessivas gerações que as recontaram com acréscimos, supressões e metáforas capazes de criar mitos, deuses, heróis, vilões e épicas batalhas entre o bem e o mal. Nessas histórias, explicitamente não encontraremos indícios que apontem para a certeza dos incontáveis fatos, mas há muita verdade embutida nas narrativas que foram qualificadas como fábulas ou lendas. O historiador preocupado com a essência dos fatos e dos eventos históricos perguntará de imediato: será que existe alguma verdade por trás dessas histórias? Ou terá sido simplesmente fruto de fértil imaginação?

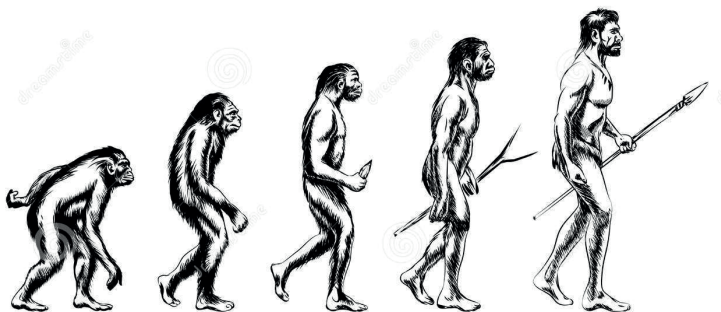
A moderna ciência arqueológica aliada à antropologia e à linguística têm demonstrado que algumas histórias narradas pelos nossos ancestrais podem, sim, ter ocorrido como contadas ou terem sido compostas de verdades parciais acrescidas de adições poéticas ou épicas, que lhes emprestaram um teor estrutural metafórico. Tomemos como exemplo a narrativa sobre Adão, Eva, a serpente e o paraíso perdido.

A versão narrada inequivocamente sofreu alterações ao ser transmitida ao longo dos milênios e quanto mais se afastava no tempo, mais influência social, teor religioso e caráter místico adquiria, impregnando-a com um sentido metafórico e lendário. Os primeiros registros escritos beberam nas fontes do conhecimento da versão oral, que certamente estava impregnada pelo caudal de construções verbais humanas que

foram agregadas pelos sucessivos transmissores. Além disso, a linguagem usual à época necessitou de uma adequação con-  
dizente com o estágio de conhecimentos e mentalidade co-  
letiva da humanidade que alteraria de forma significativa as  
interpretações contextuais e filosóficas, fator que impediu a  
ampliação da compreensão da realidade implícita. A referida  
história de Adão e Eva foi imortalizada com o seu registro na  
Bíblia Sagrada, cujo conteúdo histórico-religioso foi deixado  
como legado aos pósteros. O objetivo ostensivo sempre foi o  
de não permitir que o passado fosse esquecido e, ao mesmo  
tempo, que esse passado remoto divulgasse, por intermédio  
das revelações e interpretações religiosas, a origem da exis-  
tência humana na Terra. Bem, é exatamente neste ponto que  
começamos a questionar se a origem da humanidade aconte-  
ceu como descrito na narrativa metafórica do paraíso perdido.  
O que essa lenda realmente quer nos transmitir? Nossos co-  
nhecimentos científicos atuais apontam para uma distorção  
entre a realidade e a lenda, efetivamente ocasionada pelos  
elementos influenciadores descritos acima. O atual nível cons-  
ciencial da humanidade somado ao seu cabedal de conheci-  
mentos indicam que algo ficou perdido na poeira do tempo ou  
foi substancialmente modificado ao longo dos milênios e essa  
lacuna está nos impedindo de enxergar o verdadeiro sentido  
da história e a realidade dos fatos.

Para nos ajudar a entender tudo isso, a Espiritualidade  
Superior nos concedeu, por intermédio de renomados e con-  
fáveis médiuns, elementos indispensáveis para formular um  
juízo de valor que nos abre as comportas do entendimento e  
do esclarecimento libertador sobre a origem e a evolução da  
vida na Terra e as experiências dos prepostos do Cristo na  
criação e na fixação das espécies, entre elas a dos seres que  
resultariam, mais tarde, na linhagem dos homens primitivos.

Em determinado momento da história desses seres igno-  
rantes sobre o planeta, as hostes do invisível, orientadas pelo  
Cristo, realizaram transformações perispirituais nos homens  
primitivos, denominados *primata hominis*, em regiões da  
dimensão astral, não somente durante os intervalos entre as  
suas reencarnações, mas também durante as suas jornadas



em vestimentas físicas carnavais, afim de promover alterações estruturais importantes nos corpos selvagens de pensamento fragmentado, dando-lhes uma compleição melhorada e, acima de tudo, concedendo-lhes um pensamento contínuo e o afloramento da razão, atributos que os guiariam em sua evolução pelos milênios sem fim. Indagamos continuamente: Adão teria sido simplesmente um homem criado por Deus? De uma costela desse homem teria Deus realmente criado Eva para juntos, como um casal, iniciarem o povoamento deste imenso orbe e formar a humanidade terrestre? E o que representa o paraíso perdido? Apenas a desobediência do casal seduzido pelo pecado carnal representado por uma serpente? Estes questionamentos aguçaram nossa procura por respostas razoáveis e plausíveis, encontrando ressonância na benevolência da espiritualidade, que ocorreu em nosso auxílio, revelando e trazendo à luz informações capazes de alterar todo o nosso entendimento sobre os acontecimentos para, finalmente, entender o real significado das lendas, dos mitos e desvendar os mistérios que acompanham por tantos milênios as histórias antigas da humanidade terrestre.



## Parte 1

### A humanidade de MU



## Capítulo 1

### Antecedentes

Em um período da história do planeta Terra em que o clima e as condições geológicas ainda eram muito hostis a qualquer tipo de vida, o *primata hominis* já vagava pelas planícies, vales e pradarias da superfície do globo há milênios, na incessante busca dos elementos essenciais à sua sobrevivência. Eram os homens das cavernas (*homo erectus*), seres humanoides que emergiram na crosta terrestre cerca de um milhão e novecentos mil anos antes de Cristo e que ficariam muito mais tarde conhecidos como os homens que viveram no período da pedra lascada ou do sílex. A partir deles iniciou-se o convívio social. Em 800.000 a.C. viviam em cavernas e sua aparência ainda os assemelhava aos símios, com braços longos e pendentes na lateral do corpo, tronco inclinado para frente, fronte avantajada, cabeça pequena com um cérebro ainda incipiente que esboçava os primeiros eflúvios de pensamento contínuo, pois até o período anterior expressara apenas um pensamento fragmentado que o limitava aos instintos. Possuía o corpo todo recoberto por grossos pelos, como um animal selvagem. Na contínua contagem do tempo abandonou as cavernas temporariamente, formou pequenos grupos e depois tribos nômades que buscavam, instintivamente, locais melhores e mais propícios à sobrevivência do seu grupo. Enfrentaram, ainda, durante sua jornada terrena, as duras e sistemáticas acomodações geológicas e ambientais do planeta.

Em 650.000 a.C. o mais importante e traumático perío-

do de mudanças geológicas para aqueles homens primitivos ocorreu quando um súbito resfriamento atingiu toda a Terra e a transformou em extensas geleiras. Iniciava-se o período posteriormente conhecido como glaciação.

Longos séculos lutando para sobreviver naquele rigoroso e hostil ambiente, possibilitou àqueles primitivos homens uma arrancada evolutiva sem precedentes na evolução humana, principalmente depois da descoberta do fogo. Foi durante aquele período de glaciação que uma outra espécie humanoide — o homem de *Neanderthal*, que vivia na região norte do planeta, desapareceu.

Em 450.000 a.C. as geleiras começaram a regredir e, naquele período de transição pós-glaciação, os homens primitivos puderam criar e desenvolver, depois de muita observação, uma agricultura rudimentar e os primeiros confinamentos de animais. Utilizavam sua inteligência ainda limitada para elaborar instrumentos que pudessem lhes servir não só para caçar e se proteger, mas também para facilitar as atividades relacionadas a todos os tipos de procedimentos de sobrevivência. O esforço contínuo e o trabalho árduo permitiram o desenvolvimento daquela humanidade até que o processo evolucionista os alçasse ao patamar de *homo sapiens*, cerca de 300.000 a.C. Surgia ali um ser humanoide mais evoluído em inteligência, estatura do corpo mais ereta, cujo posicionamento mais adequado do osso fêmur na geometria dos quadris lhes permitiria a realização de deslocamentos mais estáveis e longos, fator que muito contribuiu para intensificarem os processos migratórios. Seu cérebro mais poderoso e seletivo deu-lhes grande capacidade de adaptação, de criação e de construção de ferramentas mais elaboradas e eficientes. A socialização e o convívio racional possibilitaram o aparecimento de tribos mais organizadas e aptas ao desenvolvimento de localidades concentradoras de grandes efetivos humanos. A primeira humanidade de que se tem notícias surgiu no continente MU e foi denominada Lemúria.

\* \* \*

MU era a denominação usual que os habitantes da Lemú-

ria utilizavam para o continente que começou a ser povoado cerca de 750.000 anos a.C., cujo território era formado por extensas áreas de contrastes: vegetação abundante, regiões desérticas, altiplanos, vales, terrenos acidentados com inúmeras cadeias rochosas, montanhas altas de faces escarpadas, em geral de intensa movimentação geológica aflorada na superfície depois de fortes terremotos e ainda, um sem número de vulcões ativos a expelir fumaça carregada de enxofre, fogo, lava incandescente, cinzas e fragmentos de rochas.

Nesse ambiente hostil florescia uma humanidade considerada ainda primitiva, parte nômade, parte fixada em regiões menos instáveis, reunida em tribos numerosas sob chefia patriarcal, cuja ascensão permeada por disputas de poder entre as tribos visava, comumente, à subjugação de seus semelhantes pela força bruta.

Espiritualmente ignorantes, adoravam deuses imaginários representados pelos poderosos fenômenos da natureza e, por não compreenderem sua ocorrência física, os lemurianos os alçaram ao patamar de entidades religiosas, criando imagens para lhes dedicar fervorosa devoção e materializar os cultos às forças criadoras da vida e também às destruidoras, que entendiam ser instrumento dos deuses para perseguir, perturbar e vingar os incautos.

Sua aparência ainda era brutalizada, revelando traços faciais grosseiros, corpo de conformação rude, pele escura e grossa, boca proeminente de lábios carnudos, nariz achatado com grandes orifícios nasais, cabelo com fios espessos e duros. Possuíam amplas frentes e corpos alongados com cerca de dois metros de altura, em média. Seu comportamento já demonstrava tendência a pensar antes de agir — uma tentativa de controlar as paixões, os impulsos inatos e utilizar o intelecto para discernir, embora seu raciocínio fosse ainda lento e pesado. Foram denominados pelas civilizações posteriores de *Rutas* e constituíam o principal e mais numeroso grupo de espíritos nativos reencarnados na Terra.

Além do grupo lemuriano dos *Rutas* havia outros núcleos localizados no Oriente: nas estepes da Ásia central e também no planalto do Pamir, centro norte da Ásia, junto à cordilheira

onde se localizam as montanhas mais altas do planeta. Definitivamente, a Espiritualidade diretora dos destinos daqueles povos executava o planejamento de desenvolvimento dos espíritos e de seus corpos, que passaram a ter conformação mais evoluída devido ao amalgamando dos diversos grupos de nativos terrenos, para formar os primeiros núcleos raciais da nova humanidade do planeta Terra. Os efeitos construtivos dessas misturas ficaram evidenciados nos inevitáveis impulsos genéticos que produziram repercussões no aprimoramento físico, no desenvolvimento do intelecto e do pensamento.

Os que alcançaram os aprimoramentos de imediato se sobressaíram como seres considerados superdotados perante os demais e foram, conseqüentemente, alçados à condição de homens sábios e líderes. O desenvolvimento de suas capacidades resultou no aparecimento natural de grandes centros populacionais, embriões da formação dos povos e das nações. No entanto, emergia também um robusto senso de dominação e a vontade inata de subjugação de seus semelhantes mais desprovidos de inteligência. Não demorou para que estabelecessem governos autoritários com ideais de dominação das massas populacionais e para isso contaram com o apoio providencial das evocações de cunho religioso, uma forte apelação que contribuiu para potencializar uma espécie de dependência escravizante.

Na Lemúria, ao longo de milênios, diversas tribos se transformaram mais tarde em grandes núcleos populacionais de povos com territórios delimitados e um insipiente governo autoritário. A religião era baseada na crença nas forças da natureza, nos fenômenos sobrenaturais, na idolatria aos deuses dotados de poderes especiais e no culto composto por rituais próprios e realizados pelos iniciados integrantes da casta dos sacerdotes, que comumente se reuniam em grandes templos de pedra circulares, de conformação cônica, com cerca de dez metros de altura ou mais, em meio a uma paisagem primitiva, exuberante e selvagem.

Os lemurianos desenvolveram linguagem própria e um rudimentar sistema de escrita simbólica que serviriam mais tarde como importante base geratriz das linguagens de outros

povos, a exemplo da escrita cuneiforme dos sumérios, os ideogramas chineses, o sânscrito védico e os hieróglifos egípcios.

A civilização lemuriana percorreu a linha evolutiva do tempo e subsistiu por incontáveis milênios, atingindo o seu apogeu na denominada *idade de ouro* de MU, cerca de 20.000 anos antes do final de sua trajetória. No contexto deste período, o último milênio foi denominado *milênio da desgraça* devido aos intensos fluxos migratórios de abandono das terras e a profunda degradação moral e social, causada pelo afloramento de antigas e deletérias tendências belicosas adormecidas no íntimo dos lemurianos e que foram, paulatinamente, emergindo, ao ponto de fazer prevalecer atitudes equivocadas, gestos brutalizados, ações criminosas, comportamentos corrompidos e inadequados, geratrizes de um inevitável rebaixamento vibracional que os conduziram a guerras violentas e catastróficas, inicialmente entre facções de opositores locais, para depois alcançar as cidades que rivalizavam politicamente. Os resultados destruidores causados pelos conflitos somente seriam interrompidos por uma inesperada sequência de eventos devastadores.

## Lemúria em toda sua extensão (1.000.000 a.C.)



Legenda:

-  Áreas claras representam terras que estavam submersas naquele momento.
-  Áreas escuras representam as terras emersas.

## Lemúria (750.000 a.C.)



Legenda:

- Áreas claras representam terras que estavam submersas naquele momento.
- Áreas escuras representam as terras emersas.

## Capítulo 2

### Primeiros passos

As belezas do vale verdejante banhado pela intensa luz do sol em plena primavera passavam despercebidas para a maioria dos primitivos habitantes da antiga Lemúria. Ainda não eram capazes de parar diante da paisagem, olhar a extensão territorial até o horizonte e reconhecer que se encontravam em um sagrado pedaço de chão. Apenas um homem conhecia aquele planalto, seus limites, sua extensão, locais de caça e perigos iminentes. Como um animal selvagem, percorreria todo o seu perímetro e demarcara o seu território, afim de defendê-lo de intrusos indesejáveis — uma tarefa difícil naqueles tempos. Aquele ser, homem-animal, entendia que a sobrevivência dele e de sua gente dependia de tudo o que pudessem obter naquele lugar. Uhg era o seu nome. Um ser hominal ainda curvado, corpo musculoso e coberto de pelos grossos, testa grande e saliente, olhos miúdos e fundos, cabelos desgrenhados encimando a cabeça. Uma espécie de lobo solitário sempre atento, observava a movimentação das aves, dos animais e de seus semelhantes que se distanciavam das cavernas para colher frutos, folhas, madeiras e água. Seu olhar percorria a extensão de terra à sua frente e, do local onde se encontrava naquela manhã, podia ver a mata densa no sopé do platô e percorrer a sua borda na direção do horizonte. Estendendo o olhar mais adiante, para além da mata abundante, Ugh podia ver um terreno plano, com vegetação de capim, um riacho serpenteando à direita e uma colina baixa à esquerda. Escolhera para sua tribo a segurança